

de albar

Diretor: PEDRO CATALLO

A IDÉIA É COMO A GÔTA D'ÁGUA. PODE REFLETIR A IMENSIDADE.

Redação e Administração
Rua Rubino de Oliveira, 85
Correspondência: Caixa Postal 5739
São Paulo

ANO I

NÚMERO 6

SÃO PAULO, JULHO DE 1967

PREÇO NCr\$ 0,20

FABRICANTES DE GUERRA

É muito comum ouvirmos dizer que a História nunca se repete e freqüentemente aduzem, como «sólido» argumento, aquela imagem infantil e descolorida de que «cada minuto que passa as coisas já não são as mesmas. Não sabemos em que setor da vida prática tem aplicação essa simplista conclusão. Mas, o que é certo é que, ao longo da história a humana, encontramos acontecimentos que se repetem sempre, sistematicamente, com os mesmos princípios, os mesmos arrazoados e as mesmas finalidades. As guerras, por exemplo, são uma constante na trajetória universal e, embora superficialmente possam aparentar divergências de motivações e seu conteúdo político e econômico nivela-as todas.

Não somos movidos, em nosso consueto comentário, por pruridos de sabedoria histórica. Longe estamos disso e desde já resignamos qualquer desafio. O que, de veras, nos aparvalha é o cinismo voraz, destruidor, dos fabricantes de armas que nunca desanimam na produção macabra dessas ferramentas mortíferas e, também, a revoltante indiferença dos povos que não ligam a mínima importância ao meticuloso preparo dessas matanças coletivas. Não se pode imaginar maior tragédia para um povo do que uma declaração de guerra. As piores coisas do mundo acontecem nessas beligerantes épocas que obedecem a sórdidos planejamentos friamente concebidos. E apesar de tudo isso, estas coisas se repetem com uma precisão quase matemática, e os povos nelas participam sempre, entusiasticamente, tomando partido previamente determinado pelos escusos interesses dos fabricantes de material bélico.

Num relatório amplamente divulgado na França mostra que Israel recebe seus armamentos da parte ocidental, principalmente da França, Es-

tados Unidos e Inglaterra. Sempre essas velhas matronas a incendiarem o mundo! Enquanto que os árabes e sobretudo o Egito e a Síria, são abastecidos pela União Soviética, a velha raposa que, sob o manto do socialismo, põe em prática o imperialismo mais

tes em cada país, encrustados nos meandros governamentais, nos parlamentos e nos ministérios, especialmente os que se relacionam com o militarismo. É uma rede de bandidos internacionais que mercadejam com as vidas humanas como se estas fôssem

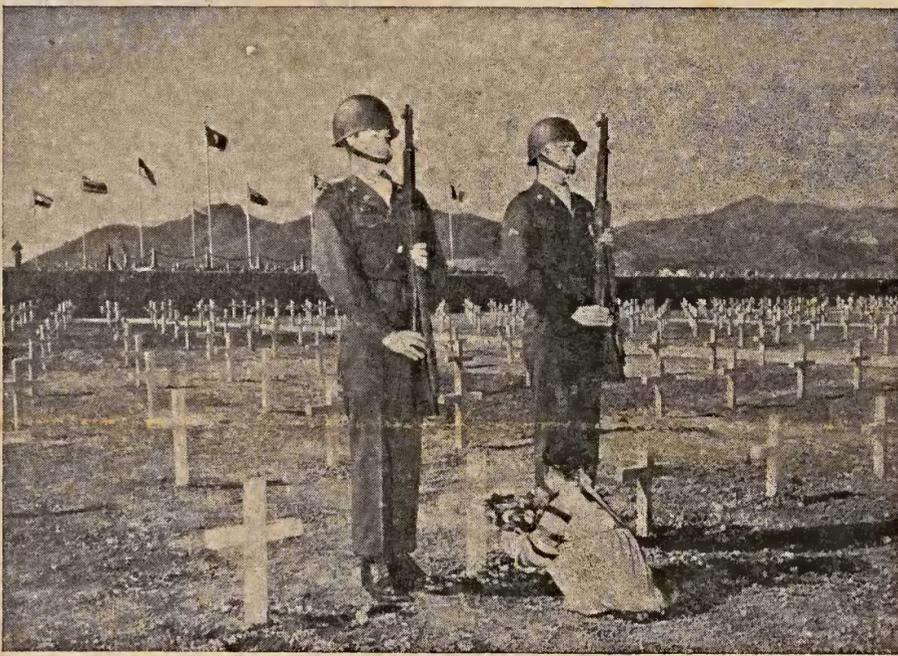
ras têm o cuidado de deixar que uma geração de jovens amadureça e que outras estejam em pleno sazonalamento para então provocar e ordenar as matanças coletivas que hão de consumir as toneladas de armas sigilosamente armazenadas. O grau de sadismo

gunda passaram-se pouco mais de vinte anos. E da segunda guerra mundial para a terceira, que já está cientificamente e calculadamente preparada, medeiam, também, pouco mais de vinte anos. Precisamente o tempo necessário para que as novas gerações de moços estejam aptas para serem esvisceradas nos cruentos campos de batalhas. Isto é velho na história humana e continua se repetindo em nossos dias com a mesma precisão, com o mesmo significado, com os mesmos intuídos e finalidades. E quando as guerras terminam, ninguém ganhou nada, todos perderam. Apenas salvaram-se os poderosos fabricantes de armas, que, apuradas as verdades, são os verdadeiros e diretos responsáveis dos grandes morticínios coletivos. Os donos das indústrias bélicas são verdadeiras potências dentro das potências; eles não fazem somente armas, fabricam também partidos políticos, fazem deputados, elegem governos que irão exportar ou importar armamentos e preparar guerras para vender os volumosos estoques de armas que já se encontram devidamente encaixotadas, perfeitamente calibradas, esmeradamente polidas e prontas para estraçalhar vidas humanas. Na indústria da morte, cada aparelho bélico que dali sair, tem que ter a precisão matemática de não errar o alvo e quanto maior for o estrago que possa causar, mais meritória será a sua aprovação. Todo esse aparelhamento feito com tanto capricho e esmero, não tem outra vítima como se fosse um rico manjar. E se um soldado, levado por sentimento humanitário, procurasse desviar as balas em lugar de alojá-las no corpo do inimigo, certamente seria severamente punido ou fuzilado talvez. Daí se conclui que a arte de matar começa nos quartéis.

Quando um pacato cidadão que nunca pensara em matar ninguém, entra para a caserna, tem que abandonar todas as suas cogitações pacifistas e preparar-se para aprender a matar. Ali chegando não tem outra alternativa senão a de esquecer completamente aquele mandamento que diz: NÃO MATARÁS. Põe-se-lhe nas mãos estranhas ferramentas que tem que aprender a manejar com destreza e maestria. E quanto mais destre e arrojado for nessa macabra profissão de matar gente, calculada e impunemente, mais honrosa será a sua situação e até a glória lhe poderá sorrir.

Quando a psicologia aplicada, a psiquiatria, a psicanálise e outros ramos da ciência médica, desdobram-se no esforço continuado de reconstruir individualidades, de recompor desajustados, de restabelecer caracteres, de restaurar, em suma, a personalidade humana tão despersonalizada pelas profundas mazelas sociais, é incrível e inadmissível que se continue a macerar, a distorcer, a deformar, a delicada e tênue alma humana, com a repulsiva arte de matar. É mister que as gerações modernas se movam decididamente no sentido irreversível de abolir definitivamente todos os tipos de guerras, quer sejam parciais ou mundiais. Essa mocidade irreverente e infrene, que exterioriza o seu descontentamento através de modas desconcertantes, de músicas e cantos febricitantes, e que, entretanto, fica indiferente à tremenda fogueira universal que velhos caducos já estão preparando, deve voltar a sua atenção para este crime coletivo, antes que seja tarde demais. A máquina de triturar vidas humanas já está preparada. A indústria da guerra trabalha a todo vapor. Cuidado moços!

Pedro Catallo



"Cemitério das Nações Unidas"

Fruto dos Fabricantes de guerra

desavergonhado e a mais espantosa e sanguinária ditadura. É óbvio o interesse que essas exportadoras de armas têm nos conflitos armados do Vietnã, do Oriente Médio e nas monstruosas catástrofes bélicas mundiais. Esses provocadores de sangueiras humanas têm seus representan-

pipocas. A vida de um garboso jovem, cheio de vigor e saúde, ciosamente criado pelos pais, está pendente de uma bala que está sendo fabricada não se sabe onde e nem quando, mas que está a ele destinada através de guerras cronometricamente preparadas. Os fabricantes de guer-

ra corre nas veias destes ferros espécimens deve chegar ao superlativo incontável da ciência, pois, de outra forma, estariam reclusos em severos manicômios.

A História se repete, sim senhores! Desde a primeira guerra mundial para a se-

Afinal, que somos!?!...

(Um prefácio de Monteiro Lobato)

Continuação do n.º anterior

Sundartará, a Ignorante, disse um dia a um "guru" seu amigo, que andava cheio de pensamentos de morte material: "Deves ver-te como de fato és: um espírito em roupagem terrena. A verdadeira pessoa, o "eu" que és, não é este teu corpo, como eu não sou este meu corpo — coisas frágeis e sofredoras. Somos espíritos imortais e divinos. Fortes e inalteráveis, Sempre tendentes a melhorar, a aperfeiçoar, a apurar nossas qualidades. Estamos neste momento em missão aqui na terra, que não sabemos qual seja, mas que finalmente será para o nosso bem"

Sundartará era uma bailarina indiana reencarnada, toda instinto e intuições, e o "guru" um sábio que ainda não alcançara o doce Nirvana do perfeito ceticismo, pois, ainda afirmava e negava. Jugava-se dominador de todas as ciências e artes — mas foi aprender a coisa suprema com a bailarina que nada sabia: "Somos imortais e divinos".
— E a missão?

— Uma só, — evoluir.
E, pois, a intuição de Sundartará ensinou ao "guru" a um tempo três coisas supremas: a Sobrevivência, a Divindade e o Fim.

— A Sobrevivência eu compreendo o que é, mas, a Divindade?

— O status de Deus,
— E que é Deus?

— Uma emanção de nós mesmos em nossa totalidade espiritual. O Deus comum, antropomórfico, feito à imagem e semelhança do homem, é uma criação tão pobre que faz sorrir. Não há qualidade ou defeito humano que esse Deus não tenha. Vêmo-lo odiendo como um racista, no feroz Jeová bíblico. Aparece sadista como um Inquisidor dominicano, no Deus de Felipe II. E no Moloch dos cartagineses têmo-lo como precursor dos "maestros de torturas" de Buchenwald.

A ciência ensina, com a tremenda rigidez de quem diz e prova, que o Deus comum, e ainda universal, é puro antropomorfismo. É uma idealização do homem com todas as suas qualidades e defeitos. Até sexo

esse Deus tem, porque saiu do misticismo do macho humano e o macho humano sempre puxou todas as brasas para a sua sardinha. E tem figura humana porque o homem nada pode conceber acima ou além de si próprio. Fôssem os homens leões e Deus teria a magestosa juba. E se o homem fosse minhoca, Deus seria um minhoca. A Divindade Suprema entre os negros da África tem a pele negra; já os demônios africanos são alvos de pele e louros. Na multiplicidade da idéia que fazemos de Deus, persiste irredutível o antropomorfismo, como persistiria o lombricimorfismo se fôssemos minhocas.

O Deus dos espíritas é feito estritamente à imagem dos ditadores de "sessões de caridade". Esse Deus dos espíritas é um em Allan Kardec, o transformador do cristianismo em espiritismo. Já viria um pouco em Flammarion, o astrônomo que na gravitação das esferas via o designio dum "Jongleur Supremo". É é outro para a massa dos frequentadores das sessões espíritas, que

recebem com sinceríssimos "graças a Deus" qualquer coisa de inabitual que aconteça. Se numa sessão de "fenômenos físicos" a força do medium faz que a corneta ou o pandeiro fosforescente se ergam no ar em levitação, o côro de "Graças a Deus", que sai de todas as bocas, é a própria unção vocalizada.

Para aquela gente ali reunida, Deus ainda é um Ditador Invisível, Onipotente e Onisciente, relembro dos deuses da antiguidade. Estes não sabiam viver sem a permanente fumigação de suas celestiais narinas com o cheiro de carne assada dos animais queimados nas aras de sacrifícios. Ou do sangue quente das vítimas. Eram eminentemente olfativos. O Moloch de Cartago dava preferência ao odor dos assados infantis. No "Nazareno" de Sholem Aech há uma prodigiosa descrição — duma cena sacrificial de crianças. O Deus Católico da Espanha de Felipe II, queria a fumaça dos judeus e mouros torturados no "Quemadero" de Sevilha.

O Deus moderno dos espíri-

tas já é um Deus de Bondade e Infinita Misericórdia. E antropomórfico, porque bondade e misericórdia são qualidades humanas. E ainda não de todo liberta da marca antiga. A famosa Prece de Charitas aparece em muitas sessões recitadas com uma pequena alteração típica: "O tú que podes com um sopra abrasar toda a terra". O prestígio de Jeová ainda transparece nesse Deus com possibilidades abrasadoras. E, portanto, cumpre adorá-lo e temê-lo, mantê-lo afastado de qualquer irritação por intermédio de continúas lisonjas. Daí o côro de "Graças a Deus", humilíssimos e sinceríssimos, arrancados do imo da alma. Para o filósofo esse côro não é mais que a evolução da fumaça e do sangue dos sacrifícios, ou da medrosa genuflexão do servo diante dum perigoso Gengis-Khan onipotente, com a máscara da bondade no rosto.

Mas a ciência e a filosofia vão levemente invadindo os domínios teológicos e aperfeiçoando a idéia de Deus. Para alguém Deus não passa de uma sombra ou fusão das consciên-

cias dos nossos "eus" desencarnados, que já tem alcançado o mais alto grau da evolução que lhes é própria. Quer dizer que a Lei da Evolução alcança também Deus. Leva Deus, do ódio Jeová bíblico a uma espécie de generosa e larga Opinião Pública Universal. Uma espécie de Consciência Cósmica, formada pela fusão de todas as consciências individuais já livres da roupagem terrena e já numa altíssima "estação de repouso" do processo evolutivo.

Nas sociedades humanas temos: a opinião pública — voz da nossa consciência coletiva — voz de uma soma. Quando o desvario alemão permitiu o crime de Hitler, essa consciência coletiva se ergueu e "abrasou" a Alemanha, como Jeová abrasou as cidades de Gomorra e Sodoma. De degraui em degraui esse Deus. Social ascende a Deus Universal. Os nossos "eus" desencarnados e já em altíssimos estágios de evolução, fundem-se num todo Divino: numa consciência Universal.

Continua na página 2

AUTORITARISMO

ERICH FROMM

Continuação do n.º anterior

Para muitos observadores, o sadismo pareceu menos desconcertante do que o masoquismo. O fato de alguém querer magoar ou dominar outros assemelhava-se, se não necessariamente «bom», pelo menos assaz natural. Quer se trate da esposa, do filho, de um auxiliar, de um garção ou de um mendigo na rua, há um sentimento de «amor» e até de gratidão por esses objetos de sua dominação. Ele pode imaginar que quer dominar as vidas deles pelo fato de amá-los muito; na verdade, ele os ama porque os domina. Ele os suborna por meio de coisas materiais, de elogios, de declarações de amor, de mostras de espírito e inteligência, ou de demonstração de interesse por eles. Ele pode dar-lhes tudo — tudo — tudo exceto uma coisa: o direito a serem livres e independentes. Esta constelação é, via de regra, encontrada nas relações entre pais e filhos. Nelas, a atitude de dominação — e de propriedade — é amígdala mascarada pelo que parece ser preocupação «natural» ou vontade de proteger um filho. O filho é colocado em uma gaiola dourada, podendo ter tudo desde que saia da gaiola. O resultado é comumente um receio de amar por parte da criança quando esta cresce, pois, «amor», para ela, subentende ficar presa e obstada em sua própria procura da felicidade.

Hobbes considerou como uma «inclinação geral da humanidade», a existência de «um desejo perpétuo e insaciável de ter cada vez mais poder, que só cessava com a morte». Para ele, o desejo de poder não possui uma qualidade diabólica, porém é um resultado perfeitamente racional do desejo humano de prazer e segurança. Desde Hobbes até Hitler, que explica o desejo de dominar como consequência lógica da luta

biologicamente condicionada pela sobrevivência dos mais aptos, a sede de poder foi explicada como parte da natureza humana, que não admite outra explicação além da evidente.

Os anelos masoquistas, contudo, as tendências dirigidas contra o próprio eu, sempre pareceram enigma. Como se poderia entender o fato de que houvesse gente que não só fazia questão de menosprezar-se, debilitar-se e magoar-se, como ainda gostasse de fazer isso? O fenômeno do masoquismo não será uma contradição de toda a nossa imagem do psiquismo humano como sendo voltado para o prazer e conservação individual? Como se pode explicar que alguns homens sejam atraídos por ele e tendam a incorporar naquilo que todos nós nos esforçamos tanto para evitar: dor e sofrimento?

Há um fenômeno, no entanto, que prova que o sofrimento e a fraqueza podem ser a meta dos anelos humanos: a **perversão masoquista**. Nela, vemos que pessoas de plena consciência querem sofrer de uma forma ou outra e sentem prazer nisso. Os assim perversos sentem excitação sexual quando sofrem dores a eles infligidas por outra pessoa. Esta, porém, não é a única forma de perversão masoquista. Frequentemente, não é a sensação concreta de dor que é visada, mas sim a excitação e satisfação derivadas do fato de se estar fisicamente preso, enfraquecido ou inerte. Muitas vezes, tudo o que é desejado na perversão masoquista é ser tornado fraco «moralmente», pelo fato de se ser tratado como uma criança ou de ser repreendido ou humilhado de qualquer maneira. Na perversão sádica encontramos a satisfação oriunda de atitudes correspondentes, isto é, de magoar outras pessoas fisicamente, de amarrá-las com cordas ou correntes, ou de humilhá-las por meio de palavras ou atos.

A perversão masoquista, com sua fruição intencional e consciente da dor ou humilhação, atraiu a atenção dos psicólogos e escritores antes do caráter masoquista (ou masoquismo moral). Cada vez mais, porém, foi sendo reconhecido quão de perto as tendências masoquistas que descrevemos inicialmente são afins da perversão sexual, e que ambos os tipos de masoquismo são essencialmente um único fenômeno.

Certos psicólogos supuseram que desde que há pessoas que querem submeter-se e sofrer deve haver um «instinto» que tenha este mesmo objetivo. Sociólogos, como Vierkand, chegaram à mesma conclusão. O primeiro a ensaiar uma explicação teórica mais completa foi Freud. A princípio, ele pensou que o sadomasoquismo era um fenômeno intrinsecamente sexual. Observando práticas sa-

domasquistas em crianças pequenas, presumiu que o sadomasoquismo fosse um «impulso parcial» que regularmente aparece no desenvolvimento do instinto sexual. Julgou que as tendências sadomasoquistas nos adultos se devam a uma fixação de evolução psicosexual da pessoa em um plano primitivo ou a uma ulterior regressão a este. Mais tarde, Freud ficou cada vez mais convencido da importância daqueles fenômenos a que deu o nome de masoquismo moral, uma tendência para sofrer não física porém mentalmente. Ele salientou também o fato de que as tendências masoquistas e sádicas são sempre encontradas juntas a despeito de sua aparente contradição. Sem embargo, ele modificou sua explicação teórica dos fenômenos masoquistas. Imaginando que há uma tendência de origem biológica para a destruição, que pode ser dirigida, seja contra os outros seja, contra si mesmo, Freud alvitrou que o masoquismo é essencialmente o produto deste chamado instinto de morte. Sugeriu ainda que este instinto de morte, que não pode ser observado diretamente, amalgama-se com o instinto sexual, aparecendo como masoquismo se dirigido contra a própria pessoa e como sadismo se dirigido contra outros.

Chegamos agora à principal questão: Qual é a origem tanto da perversão masoquista quanto dos traços de caráter masoquista? Além disso, qual é a origem comum aos impulsos masoquistas e aos impulsos sádicos?

A direção em que se encontra a resposta foi já sugerida no começo deste capítulo. Tanto os impulsos masoquistas quanto os sádicos tendem a auxiliar o indivíduo a evadir-se a seu intolerável sentimento de solidão e impotência. Observações psicanalíticas e outras de natureza empírica fornecem amplas provas (que não posso citar aqui sem ultrapassar a finalidade

dêste trabalho) de que as pessoas masoquistas estão tomadas por um terror à solidão e à insignificância. Frequentemente este sentimento não é consciente; muitas vezes é disfarçado por sentimentos compensatórios de eminência e perfeição. Contudo, se penetrarmos suficientemente a fundo na dinâmica inconsciente dessas pessoas, encontraremos infalivelmente aqueles sentimentos. O indivíduo sente-se «livre» no sentido negativo, isto é, sozinho com seu eu e enfrentando um mundo estranho e hostil. Nesta situação, para citar uma eloqüente descrição de Dostoiévski, em «Os Irmãos Karamazov», ele não tem «nenhuma necessidade mais premente do que a de encontrar alguém a quem possa entregar, o mais depressa possível, o dom da liberdade com que, pobre dele, nasceu». O indivíduo assustado busca alguém ou algo a que possa prender seu ego; não suporta mais ser seu próprio eu individual e tenta, freneticamente, descartar-se dele e reencontrar outra vez a segurança eliminando esse fardo: o seu ego.

O masoquismo é um caminho para atingir esse alvo. As formas diferentes assumidas pelos impulsos masoquistas têm uma só meta: **descartar-se do ego individual, perder-se a si mesmo**; por outras palavras, **Desfazer-se do fardo da liberdade**. Este objetivo é evidente nos anelos masoquistas em que o indivíduo tenta sujeitar-se a uma pessoa ou poder que considera irresistivelmente superior. (Incidentalmente, a convicção de força superior de outra pessoa é sempre interpretada em termos relativos. Pode basear-se quer na força real da outra pessoa, quer em uma convicção da total insignificância e impotência de si mesma. No sentimento masoquista de pequenez constamos uma tendência que serve para agravar o sentimento ori-

ginal de insignificância. Como podemos entender isto? Podemos imaginar que ao tornar pior um medo a pessoa está tentando remediá-lo? É isto, com efeito, o que o masoquista faz. Enquanto eu me debato entre meu desejo de ser independente e forte e meu sentimento de insignificância ou impotência, vejo-me enredado em um conflito atormentador. Se consigo reduzir meu ego individual a nada, se posso vencer a consciência de minha independência como indivíduo, posso livrar-me desse conflito. Sentir-me absolutamente mesquinho e inerte é um modo de alcançar tal meta; outro é ficar acabrunhado pela dor e pela agonia, e outro ainda é ser dominado pelos efeitos da embriaguez. A fantasia do suicídio é a última esperança, caso todos os outros meios tenham falhado em dar alívio ao péso da solidão.

Em certas condições, estes anelos masoquistas são relativamente bem sucedidos. Se o indivíduo encontra padrões culturais que o satisfaçam como a submissão ao «chefe» na ideologia fascista, ele obtém certa segurança ao ver-se muito unido a milhões de outros que partilham dos mesmos sentimentos. Todavia, ainda nestes casos, a «solução» masoquista não é melhor do que jamais o são as manifestações neuróticas: o indivíduo consegue eliminar o sofrimento visível, mas não o conflito e a infelicidade silenciosa. Eis, entretanto, o que o estudo dos distúrbios emocionais e mentais ensinou-nos: que o comportamento humano pode ser motivado por impulsos provocados pela angústia ou por outro qualquer insuportável estado de espírito, que tais impulsos tendem a superar esse estado e, no entanto, simplesmente mascararam suas manifestações mais flagrantes, ou nem sequer estas.

(Cont. no próximo número)



O Medo à Liberdade

CENTRO DE CULTURA SOCIAL

ABAIXO A GUERRA

CIDADÃO!

No momento em que a paz do mundo está sendo conturbada pelas labaredas sinistras da guerra, que lampejam em alguns quadrantes da Terra com sinais evidentes de um conflito mundial, o Centro de Cultura Social, coerente com a sua doutrina de fraternidade universal, lança o seu protesto contra essa nova sangueira que se pretende praticar.

A nossa voz de revolta, mais do que um simples protesto, é um clangor que alerta e que conchama a todos os cidadãos do mundo, sem distinção de raças, de pátrias e de religiões, para como verdadeiros irmãos, por em alto os corações e proclamar a falência dessas sórdidas manobras urdidas pelos maquiavélicos donos de fábricas de armamentos.

Quando o monstro da guerra marcha já a passos largos para uma nova carnificina universal, todos os povos, unidos, devem estender as suas mãos por cima de fronteiras e demarcações geográficas, num gesto de sublime fraternidade e de sentida repulsa a esse jogo macabro de entreveros bélicos. Quando mais uma vez se pretende cobrir de luto o mundo inteiro, devastando cidades, destruindo lares, bombardeando escolas, chacinando crianças, mulheres e velhos, e tudo isso para gáudio de meia dúzia de loucos que sabem manter-se bem longe do fogo dos canhões, a atitude enérgica dos homens de consciência reta e de coração bem formado, deve fazer-se sentir com tôdas as conseqüências no sentido de abolir definitivamente as práticas abomináveis das guerras.

Não devemos permitir que as novas gerações sejam massacradas e sirvam de carne de canhão como foram as gerações passadas. Tôdas as mães do mundo devem, uníssonas, aglutinar tôdas as forças dos seus sentimentos maternais e negarem-se a entregar seus filhos para essa nova mortandade coletiva que está se preparando. A guerra é um acontecimento militar brutalizante, que prosstitui, que degenera e desajusta, criando as terríveis **NEUROSES DE GUERRA** e as legiões intermináveis de inválidos e mutilados que são o tormento contínuo do tempo de «PAZ».

Os povos não querem guerras, os povos buscam um entendimento mútuo à solução de qualquer atrito internacional que por inépcia de seu representantes possa surgir. Os conceitos modernos da vida e as possibilidades de cada nação são valores suficientes para por cõbro a toda tentativa de reviver as danzescas situações sofridas na primeira e na segunda guerra mundial. As riquezas consumidas e destruídas na última guerra bastariam para proporcionar à abundância a milhões de criaturas atiradas à miséria. Não permitamos que essa infâmia se repita e façamos com que, toda essa riqueza que está prestes a ser desperdiçada numa nova hecatombe universal, reverta em benefício de povos famintos que clamam por um pouco de pão e justiça.

Se a guerra é um mal, deve ser combatida.
Se a paz é um bem, deve ser defendida!
Abaixo a guerra! Viva a paz! Viva a fraternidade universal!

São Paulo, junho de 1967.

AFINAL, QUE SOMOS!?!...

Conclusão da 1.ª página

O Deus antropomórfico está ligado à idéia de «criação» porque o fenômeno da criação biológica está aqui no planeta sempre esfervilhando em nosso redor. Vendo o continuo nascer de seres novos o homem esquece o princípio de Lavoisier e imagina um Pai, um Criador Supremo. Mas Lavoisier disse que «nada se cria, nada se destrói, tudo apenas se transforma». A idéia de que «nada se cria» implica a não existência da «criação». E, pois, também a de «criador». O Universo não foi criado, sempre existiu. E não será destruído, porque «nada se destrói». Apenas evoluirá eternamente. Lavoisier o disse e fechou a questão. Ainda não apareceu argumento nenhum que aluisse essa fortaleza.

— E o rádio? A destruição da matéria pela radiação?

— Não há a destruição da matéria. A física atômica mostra que a matéria apenas se transforma em energia, isto é, evolui para energia. E é da energia que sai a matéria. O Eterno Retorno, o Círculo...

— Com que então Deus...

— ...Está subordinado à lei da evolução. É uma super-Consciência Universal que evolui, e da crueldade que foi no tempo de Jeová, de Moloch, de Baal, do Deus de Felipe II, já é hoje o Deus de Bondade e Infinita Misericórdia dos espíritos. Mas ainda «criador», «pai», — restos do antropomorfismo.

Nós, «eus», somos — propõe o filósofo — uma diluição de Deus no Universo, uma dinamização de Deus, porque é com a nossa evolução individual que, no fim, contribuímos para a formação do Deus Total, como o pequeníssimo polipo dos mares da Oceânia vai, lentamente, inconscientemente, numa paciente concreção calcárea, formando a gigantesca ilha de coral. Deus: resultante da evolução dos nossos «eus» depois de soltos das nossas atuais gaiólinhas fisiológicas e depois de galgados todos os degraus da Metempsicose.

— Mas, AFINAL, QUEM SOMOS?

Você respnde neste livro a

esta pergunta, meu caro Pedro Granja, ao mostrar-nos o gigantesco esforço dos espíritos, esses cegos que não se conformam com a cegueira, esses surdos que tentam ouvir, por intermédio dos olhos, do tato e dos ouvidos interiores da mediunidade. Dêsse sexto sentido, ou o que seja, que certas criaturas possuem e por meio do qual tentamos a ligação do passarinho ainda dentro da gaiola com os passarinhos já fora dela, que, livres do estado orgânico, vivem a vida de ondas hertzianas pelo espaço imenso. Ondas hertzianas dotadas de inteligência, consciência e memória...

O assunto é grande demais, meu caro Pedro Granja, e como posso eu, pretencioso átomo dos mais ínfimos — átomo só convencido de que nada sabe e nada pode saber — prefaciá-lo um livro que é um quadro imenso da nossa cegueira e da nossa impotência, nesse desesperado esforço dos vivos para VER O QUE É INVISÍVEL E COMPREENDER O QUE É INCOMPREENSÍVEL?

ARTE - Espelho das aspirações...

Conclusão da última página

Na idade contemporânea, as revoluções não poderiam desenvolver-se eficientemente só com a ação exterior, mas mediante auxílio da vontade interior. Até hoje, de tropéu em tropéu, os homens mataram-se para impor a outros homens certas regras de convivência, donde os sangrentos

martírios para impor um capricho que custou tantos sofrimentos. A arte entende que não há disciplina superior que a imposta por si mesma. Em matéria de arte, bem como em outras aplicações intelectuais, o sacrifício de rendimento positivo é o consagrado a uma atividade em benefício comum. Os artistas são os verdadeiros

«condutores de almas», que com seu gênio orientam o pensamento humano; são sempre os que dirigem o espírito com seus entusiasmos e aspirações. A arte nos eleva e nos aranca da vida material, levando-nos em suas asas douradas para uma vida superior, nas regiões do esquecimento, afastando-nos do trivial e material, preparando-nos uma existência de gozo e sensações inefáveis, somente reservadas aos grandes espíritos.

CAMPIO CARPIO

AVISO IMPORTANTE

Para evitar transtornos toda correspondência e valores devem ser dirigidos em nome do Diretor.

Nós precisamos de seu tempo :
Queremos que V. leia dealbar inteirinho

Nós precisamos do seu dinheiro :
Queremos que V. dê uma contribuição para que dealbar continue saindo

O Dealbar não tem preço :
Dê quanto V. acha que éle vale
Ou quanto V. possa dar.

O Canto do Sabiá

O conhecido e combativo deputado federal Sr. José Lurtz Sabiá, participando do programa "Roleta Paulista" do Canal 5, fez interessantes declarações que não devem escapar aos telespectadores votantes. Nessas declarações, o irrequieto representante popular mostrou, sem ambages, como os senhores deputados, depois de eleitos e em pleno gozo de suas deputações, divorciam-se cinicamente dos interesses do povo, ao qual, com ardor e humildade, juraram lealmente defender. Alguns desses "Excelências" quando postulam votos nas épocas ainda incertas das eleições, assumem atitudes de autênticos mendigos, divergindo a semelhança, apenas, porque a saúde e a indumentária revelam-nos a categoria social.

Segundo o depoimento público de Sabiá, deputados há que comparecem uma única vez por mês à Câmara para receber os obesos honorários que lhes brinda a confortável deputação que não exercem. Outros "Excelências" dão o ar de suas presenças uma ou duas vezes por semana. Esses devem ser, com toda certeza, aqueles que

tanto gostam de viajar de graça nos aviões da União. E houve também deputados que usaram as verbas anuais dos cinquenta mil reais, para beneficiar os próprios "Prontos Socorros", que eram propriedades suas particulares. Estas e outras desconcertantes revelações foram feitas pelo combativo deputado que deplorou publicamente o deslavado comportamento de alguns dos seus pares.

Todavia, o que mais terá estarrecido os telespectadores, será a declaração que fez de público e com certa indignação, sobre os duzentos mil funcionários públicos federais, que recebem seus ordenados sem que exerçam nenhuma atividade para a Nação. Se não fosse um autêntico representante do povo que fizesse tão escandalosa revelação, não acreditaríamos que tamanha vigarice, que tanto onera a Nação, se processasse sob as vistas complacentes de chefes de Estado que alardeiam honorabilidade e retidão na arte de governar. O deputado Sabiá, com a franqueza que lhe é peculiar, fez saber ainda ao público que o ouvia, que 52% do orçamento Nacio-

nal é devorado em pagamentos ao funcionalismo público. A nosso ver, as declarações do citado legislador ressaltam dois fatos de suma gravidade



«Roleta Paulista»

pa a a vida da nação. Duzentos mil funcionários arbitrariamente encrustados no deficitário Tesouro Nacional, e a despesa obrigatória de 52% para manter esse peso morto de funcionalismo, estão a demandar urgentemente um novo critério administrativo que ponha fim

a essa sangratura oficializada que enfesa e debilita a finança brasileira. São revelações estas, verdadeiramente desencorajantes porque excluem a possibilidade de se equilibrar a faixa financeira do país, dado que conta apenas com 48% do orçamento total, para atender a todos os outros setores vitais da nação, inclusive a amortização dos grandes débitos oriundos das grossas quantias de dólares que, seguidamente, os poderes públicos recebem do exterior.

A leonina percentagem de 52% representa um pesado tributo que a população paga a um funcionalismo público, cujo eficiente desempenho está consubstanciado nas intermináveis reclamações do público em geral. Semelhante disparidade na distribuição da verba nacional, explica o aumento contínuo, silencioso e inopinado, dos vários tipos de impostos que agravam dia a dia a vida do cidadão. O que mais dói é a tristeza que há no canto de um Sabiá que não pode entoar harmoniosas trovas de uma alvorada risonha para uma terra tão prodigiosa e tão sacrificada.

Centro de Estudos "José Oiticica"

Problema do Oriente Médio

É fato incontestável que a crise no Oriente Médio nos tenha afetado tão objetivamente. Prova concreta de que o mundo vai se tornando único.

Como entidade cultural o Centro de Estudos «Professor José Oiticica» não podia ficar indiferente às realidades sociais, econômicas e políticas de nossa época. Cumpre, também, que firmemos e assumamos responsabilidades ante os últimos acontecimentos.

1º — Somos entusiásticos defensores das experiências sociológicas das KIBUTZAS, seu progresso e realidade de meio século, mas isto não implica em adesão incondicional a toda e qualquer veia agressiva e imperialista do governo de Israel.

2º — Somos visceralmente contrários ao regime bonapartista de Nasser e da camarilha burguesa enquistada no poder, mas isto não equivale a um repúdio do autêntico povo árabe, levado por seus dirigentes a uma trágica aventura militar.

3º — Somos simpáticos às realizações democráticas, sindicais e cooperativistas do povo de Israel; mas isto não significa uma aquiescência a valores religiosos alienantes já superados, a segregação patológica, apóio ao capital explorador e ao Estado militarista em formação.

4º — Somos opostos ao imperialismo nasserista e à idéia megalomântica do poder, fomentadas e apoiadas pela denominada «Pátria do Proletariado», que levou o mísero «felah» passivamente ao matadouro da guerra.

5º — Somos frontalmente opostos aos governos das grandes potências ocidentais incrementadoras de guerras, traficando armas a israelenses e árabes, visando à conquista de pontos geográficos estratégicos, objetivando o domínio do petróleo e a exploração dos povos subdesenvolvidos.

6º — Distinguímos: GOVERNO de POVOS! Separamos o ESTATAL do SOCIAL! Diferenciamos o POLÍTICO DO CULTURAL!

7º — Superando as fixações incestuosas de Pátria, Nação, Nacionalismo, Raças e Religiões, índice de imaturidade dos seres humanos, nos pronunciamos pela confraternização dos povos árabes e judeus. Por uma sociedade desenvolvida e humanizada do Oriente Médio. Por uma cultura basilarmente centrada no homem.

CONTRA A RAZÃO DA FÓRÇA, PRECONIZAMOS A FÓRÇA DA RAZÃO!

CONTRA A MISÉRIA DA GUERRA, PRECONIZAMOS A GUERRA À MISÉRIA!

CONTRA A BOMBA DA PAZ, PRECONIZAMOS A PAZ SEM BOMBA.

CENTRO DE ESTUDOS «PROF. JOSÉ OITICICA»
Rio de Janeiro, junho de 1967.

TUA ARMA, A VOZ

1967

Paz na terra entre os homens.

1967

8.000 anos após o primeiro dado de manifestação da civilização humana, colhido pela história, ergue-se o mundo moderno, as imensas metrópoles e nelas o espírito alto, como seus prédios, da cultura, da arte, da experiência, do conhecimento.

1967

Quando o humano levou de vencida a natureza e a substituiu por seu mundo, e o estendeu pelo coração de todos os continentes.

1967

Quando o humano estende os braços da ciência e da técnica para lhe abrir caminho à Marte e Venus.

1967

Quando uma cápsula está pousada na superfície lunar.

1967

Quando a máquina começa a absorver todo o trabalho formal e anti-humano e a libertar o homem para entregá-lo a autenticidade do ser.

1967

Em plena era da eletrônica, da medicina preventiva, da física nuclear, da pedagogia científica, da parapsicologia.

1967

Há 33 anos do segundo milênio da era Cristã, ainda o espírito da guerra paira inexplicável no horizonte do mundo, como um sol negro a ameaçar o empenho e o gênio altruístico do trabalho de 267 gerações.

1967

Quando a ciência amplia todas as perspectivas e as multiplica e começa a prometer uma sociedade menos injusta e mais humana.

1967

A insensatez toma com a clava da força a direção de todos os países da Terra.

1967

A magistral máquina da ciência fabrica só a capacidade da guerra.

1967

Os poderes se assustam.

1967

O povo.....» Que povo?!»

1967

O conhecimento a cultura e a arte são mobilizados.

1967

A própria pausa de paz canta um hino de guerra.

1967

Que cada homem grite pela paz e faça ensurdecer ao perigo.

1967

Que ninguém acete alarme algum.

1967

Não há nenhuma atitude capaz de ferir nem honra, nem dignidade, nem caráter, nem pudor, de nenhum povo, de nenhuma nação, se por essa atitude pode-se deflagar a guerra.

1967

Há só uma coisa absolutamente inviolável, absolutamente indispensável no rol das coisas humanas: é a vida.

1967

Guerra é morte.

1967

Nenhuma morte parcial pode mover o homem a pactuar com o crime universal de uma guerra suicida.

1967

O povo é o soldado e não haverá soldados de guerra se todos se alistarem no batalhão de soldados da paz.

1967

Teu quartel-general é a vida.

1967

Teu ideal, o amor.

1967

Tua individualidade a firmeza.

1967

Tua arma, a voz.

1967

Tua batalha é o grito.

1967

Tua vitória, a PAZ.

Kopezky.

EDUCAÇÃO, PROCESSO DA VIDA

A escola é, principalmente, uma instituição social. Sendo a educação um progresso social, a escola é simplesmente aquela forma de vida em comunidade em que foram concentrados todos os meios mais eficazes para levar a criança a participar dos recursos herdados da raça e a utilizar seus próprios poderes para fins sociais. A educação é, pois, um processo da vida e não uma preparação para a vida. A escola deve representar a vida presente, a vida tão real e vital para a criança como a vida em seu lar, na vizinhança ou no campo de esporte.

A educação que não se realiza mediante formas de vida, formas que sejam dignas de serem vividas por si próprias, será sempre um pobre substituto da realidade genuína e tende à paralização e à morte.

A escola, como instituição, deve simplificar a vida social existente, deve reduzi-la a uma forma embrionária. A vida atual é tão complexa que a criança não pode ser posta em contato com ela sem experimentar confusão ou distração: ou fica abrumada pela multiplicidade de atividades que encontra, de tal sorte que perde seu próprio poder de reagir ordenadamente, ou é estimulada por essas diversas atividades, de tal modo que seus poderes são postos prematuramente em jogo, chegando a especializar-se ou a desintegrar-se indevidamente.

Como vida social simplificada, a vida escolar deve surgir gradativamente da vida doméstica e deve assumir a continuação das atividades com as quais a criança está familiarizada no lar. A escola deve oferecer à criança essas atividades e reproduzi-las de modo a que possa aprender gradativamente seu sentido e que seja capaz de realizar seu papel com relação às mesmas. É uma necessidade psicológica porque é o único meio de assegurar a continuidade do desenvolvimento da criança, o único meio de proporcionar uma base de passadas experiências às novas idéias dadas pela escola. E, também, uma necessidade social, porque a escola é uma forma de vida social vivida pela criança e da qual recebe sua educação moral. É tema da escola aprofundar e ampliar o sentido dos valores concentrados em sua vida familiar.

Grande parte da educação atual fracassa porque esquece-se esse princípio fundamental da escola como uma forma de vida em comunidade. Esta concebe a escola como o lugar onde se dão informações, onde se aprendem certas lições e onde se formam hábitos. Tudo tendo em mira o valor de remoto futuro: a criança deve fazer essas coisas por causa de outras que deverá fazer; são meios de preparação. Como resultado, não chegam a ser parte da experiência vital da criança e não são realmente educativas.

A educação moral deve basear-se nesta concepção de escola como um modo de vida social; e a melhor e mais profunda preparação moral é precisamente aquela que se adquire nas devidas relações com os outros, formando uma unidade de trabalho e de pensamento.

J. Dewey, no livro
"Meu Credo Pedagógico"

E OS ESTUDANTES, HEM?

O problema do ensino e do analfabetismo no Brasil, que sempre foram considerados coisas acomodáticas e transigentes, tomaram, ultimamente, aspectos de verdadeira agressividade em decorrência da passividade e desídia com que são encarados pelos responsáveis diretos pela Educação Pública. A mentalidade burocrática do Estado não acompanhou o crescimento demográfico do país e não tomou conhecimento da nova mentalidade que espouca estuante na juventude hodierna. De sorte que, como sói acontecer, o Estado foi surpreendido por verdadeiras avalanches de moços que não se conformam em crescerem analfabetos e reclamam enérgicamente e com justiça a abertura de novos estabelecimentos de ensino, onde adquirir a instrução necessária para enfrentar as adversidades da vida, tão difundidas no presente regime social.

Não obstante se diga que a mentira sempre repetida toma feição de verdade, as promessas sempre prometidas pelos governantes que se sucedem no leme da governança, acabaram por convencer os estudantes de que deviam tomar posições definidas se pretendessem alguma possível solução nas suas justificadas pretensões. E foi assim que o burburinho estudantil começou a crescer e estender-

se, alcançando sérias proporções na esfera nacional. Brasília, Minas, Rio, São Paulo e outras localidades, tiveram suas ruas tomadas por grossas falanges de estudantes que pediam um pouquinho de ensino, como quem implora um naco de pão para comer. Estas recentes manifestações estudantis reclamando escolas e a marcha dos mesmos para a capital, e o corajoso acampamento deles ante o Palácio do Governo, são atitudes valerosas e dignas de uma geração que parece não brincar com os problemas sérios do povo.

A despeito da ação policial que, como sempre, se caracterizou pela violência e incompreensão, a ação direta dos jovens estudantes, que demandavam soluções práticas para os seus propósitos e a curto prazo, não esmoreceu e finalizou com certa vitória parcial que, de qualquer modo, identifica uma atitude consciente e equilibrada.

As legiões de moços, que durante dias seguidos ocuparam as manchetes dos jornais negam-se terminantemente a passar pela humilhante situação de carregar pela vida adentro o ferrêto vexatório de analfabetos e resolveram agir por conta própria. E quando uma classe não mais se conforma com as lamúrias platônicas e retardatárias, mas enfrenta de frente e decididamente pela ação direta as

soluções imediatas dos seus problemas, deve merecer a simpatia e a solidariedade de toda a população, porque está forçando a marcha para o progresso que beneficia a nação inteira. Quando se chega ao ponto de ter de implorar um pouco de instrução com a mesma avidez de quem pede um prato de comida, com toda certeza, o ordenamento político e econômico que nos rege, não mais se ajusta às necessidades e aos imperativos da coletividade. Conheçamos casos de amigos estudantes que, para não perder a orelheira que se propuseram seguir, tiveram que abandonar o calor de suas famílias e aventurarem-se sozinho, para os Estados do Norte a fim de obter alguma vaga para os seus estudos.

Estas coisas depõem contra os mandatários do país, que se lamentam constantemente da falta de técnicos para incrementar a produção e exploram, também, a falta de médicos para tirarem os vermes que vivem nas barrigas entumescidas dos habitantes do campo, mas que entretanto, acusam uma negligência espantosa quando são chamados a resolver os problemas da instrução pública e do analfabetismo em particular.

A criatura humana, quando adentra a sociedade, deve ter um mínimo de garantia para que possa seguir seu desen-

volvimento natural e evitar assim, as deformações morais que tanto prejuízo causam nas relações interpessoais dos conglomerados sociais. Se uma criança nasce (e nascem muitas) e cresce sem a mínima probabilidade de beneficiar-se do maravilhoso progresso científico alcançado nesta época do século vinte, devemos dar pleno apoio às pílulas anticoncepcionais que vêm livrar dos preocupantes dilemas da vida a milhões de nascidos de incerta trajetória.

Falta de escolas e escolas abandonadas em francos desmoronamentos, por um lado; multidões de moços ávidos de saber e reclamando ensino, por outro, são contrastes chocantes que definem a desordem da «ordem» estabelecida, que está a merecer um remanejamento total que coloque em sua verdadeira finalidade democrática. Estas coisas acontecem porque o Estado vive como coisa aparte, acima das pulsações vitais da população ignorando-lhe as necessidades e os imperativos. O Estado em sua expressão democrática, deve estar em função da sociedade e não a sociedade em função do Estado. Quando isto for uma realidade, não haverá mais estudante sem escolas e o analfabetismo será uma triste e longínqua recordação.

P. Drinho

dealbar



Redação e Administração: Rua Heliópolis, 85 - São Paulo - Correspondência: Caixa Postal 3739 - São Paulo
Ano 1 - Número 6 - JULHO DE 1967 - Preço N Cr\$ 0,20

ARTE

Espelho das aspirações humanas

Para caminhar adiante dos homens, é necessário ir mais longe que eles, disse um poeta. Ver mais longe, sentir mais intimamente as emoções da vida que palpita ao nosso poder, descortinar os segredos da natureza que, ciumenta, oculta aos olhos e ao entendimento incultos, fazer da vida um hino e um culto musical à sinfonia da cor e à harmonia do desenho. Tal seria, em síntese, a misteriosa chave do artista.

Apaixonar-se pela beleza em todas as suas manifestações, humanizar as coisas que nos cercam, descobrir em cada pessoa que passa ao nosso lado o íntimo de sua alma através do olhar e da plástica, são condições exigidas pela arte. O artista tem que ser um poeta para captar o conjunto da natureza desde um plano de harmonias de onde imprimirá o selo pessoal do ritmo e da melodia. Cada objeto, cousa ou expressão possui seu próprio mundo, que é infinito. Penetrar nesse mundo e fazê-lo tão humano quanto sua mentalidade possa, é qualidade de todo grande artista.

Alguém perguntou o que é um poeta, obteve como resposta que poeta é um homem como os outros, mas que sabe fazer versos. Diz-se que Holbein, o favorito de Henrique VIII, para defender-se de certo nobre inglês que o atrapalhava em seu serviço, jogou-o do atelier pelas escadas abaixo. Queixou-se ao rei o inglês e este, muito inteligente, muito indignado, disse-lhe: "Deves saber que de dez rústicos camponeses posso fazer dez nobres, mas de dez nobres não posso fazer um pintor". Naquela época levava-se em conta serem os artistas os verdadeiros propulsores do progresso e da cultura dos povos: a um só artista, diz um autor, os países devem mais fama que a todos os financistas e homens públicos em conjunto.

Admiramos as civilizações grega, persa, egípcia, o renascimento, pelo acervo artístico que nos legaram e não pela opulência dos seus magnatas, de seus escravocratas e verdugos. As páginas da história, no que apresentam de mais íntimo, foram absorvidos pela arte, que é filosofia e poesia, música e arquitetura unidas. Se a humanidade não contasse com este tesouro, estaria nas cavernas. Os povos cultos da história foram-no por suas inquietações espirituais. Expurgamos a velha Alemanha de seus músicos, pintores e filósofos, e nada mais ficará do que o "súrdio frio" da noite e da morte, o caos, onde a figura do homem se despedaçará, posta ao serviço de uma grande paixão. O aprendizado é interminável e deve ser executado com ardor, pondo alma em todas as formas, expressões e cores.

Poucas são as pessoas, no imenso conjunto da humanidade, que se destacam por esta condição, principalmente nos tempos atuais em que a vida social está modernizada pelo selvagem materialismo que tudo subjugou e submete à feroz lei do interesse. Só a vontade firme e inquebrável de prosseguir, de avançar, contra tudo, pode conduzir ao triunfo, que é simples e humilde satisfação pessoal.

A humanidade admira a glória dos grandes homens, mas foge à sua inteligência o quanto de esforços, de peripécias e de sacrifícios que esse fictício triunfo custou. Somente o artista, que leva em seu rosto a marca inconfundível da luta e em seu cérebro o mundo de dissabores postos na obra, alcança a medida e o valor de um trabalho truncado e insatisfeito que devorou sonhos e esperanças. Tudo mais não conta sob o ponto de vista coletivo, salvo o cumprimento de seu dever pessoal, que conduziu a sua capacidade física e intelectual a um exercício plasmado em arte, para que a natureza seja mais exequível aos olhos do homem e para este,

diante da descoberta da arte seja mais condescendente para com seus semelhantes, refreando seus impulsos animais, obedecendo ao raciocínio, que torna a vida de relação mais fraterna e moralmente mais bela.

A paixão na arte é um ideal. A história artística está repleta de figuras singulares que dela fizeram profissão de fé. Goya, por exemplo, foi pastor em seus primeiros anos. Mais próximo de nós, para mencionar outro espanhol, Sorolla, aos quinze anos era ferreiro. Quem diria que suas mãos, calosas pela maça e a tenalha, poderiam tornar-se delicadas e agêis até dominar o lápis, a palheta e o pincel. Deixou a fornalha, estudou, aprendeu e venceu, lentamente, por certo, porque além do esforço para aprender, outro esforço ainda maior foi iniciar o caminho. Dominando a acadêmica rotina de Espanha, levou seus estudos até chegar a Roma. Essa base serviu-lhe de gramática, que mais tarde esqueceu, para revolucionar a pintura e plasmar sua personalidade dentro da história da arte contemporânea. Outro tanto podemos dizer, referindo-nos ao papel que desempenha a vontade na construção da obra de arte, do poeta César Vallejo, com o qual estamos tratando, conversando e discutindo sua obra. Seus contemporâneos recomendavam-lhe que engolisse seus próprios versos por considerá-los um insulto às formas e à poesia, que se fizesse amarrar e se deixasse sobre os trilhos do trem. E César Vallejo é hoje uma das grandes glórias das letras, não somente peruanas, mas mundiais.

Uma lei inflexível e fria impõe sua impiedosa rigidez ao difícil aprendizado e elaboração da obra de arte, num sofrimento perpétuo. As dúvidas e angústias de todos os artistas são as únicas imperfeições que o destino reserva aos que lutam e buscam o ideal da arte, nos mil probemas que apresentam. Para prosseguir adiante, só os sadios, os fortes de corpo e de alma atravessam a vida sem se contaminarem, inspirando-se na nervosa agitação de vencer. Em qualquer outro campo da atividade intelectual, as soluções expressam-se com o auxílio da especulação. A disciplina artística, além da renúncia pessoal utilitária, nunca admite uma conclusão definitiva. Diz-se que Miguel Ângelo, ao terminar o seu Moisés, deu-lhe uma martelada e gritou: "Parla" — "Por que não falas". Contudo, esse colosso do Renascimento, nem então, ao terminar uma obra de tais proporções e condições, deixou de aperfeiçoar-se cada vez mais e melhor. E quando o poema de sua gigantesca obra de influência universal, notando-o cansado, fechou delicada e mansamente as pálpebras de seus olhos queimados pela febre do ideal, continuava aprendendo. De igual modo aconteceu com o escritor espanhol Menéndez y Pelayo, cujas últimas palavras, ao morrer, foram para lamentar-se por deixar tanto livro interessante para ler e estudar.

Arte não é somente representar o belo dentro da beleza pura, como aspirava Pedro Henriquez Ureña, mas buscar ainda a verdade dentro do mundo estético. Daí os tormentos que dominaram os grandes mestres, na eterna luta que ocupou toda a sua vida. Por isso os poetas tratam de viver uma vida própria, sem dissarces nem ridicularias. Pintando, gozando todas as formas, "ébricos de luz, ricos de auroras", como disse o imortal lusitano, vêm a vida através da cor, cantando a natureza em um hino. A história do homem está repleta de mentiras, não de fábulas artificiais. O artista sabe que estamos distantes do tempo em que os homens faziam revoluções obedecendo o culto da força.

Continua na página 2

ARTE DE LABORATÓRIO

Paredes e teto azuis, uma sala, um teatro de arena, nossa exposição. Onze refletores, Vivaldi, Bach, Villa-Lobos, quatro banquinhos pretos, flores secas, uma rosa. Dez homens, uma mulher, vinte e nove obras. A dedicação do Cuberos, o apoio do Kopecky, a boa vontade do Germinal, um trabalho de equipe. Eis aí os ingredientes de nossa exposição de artes plásticas: ARTE DE LABORATÓRIO.

ARTE DE LABORATÓRIO quer dizer, arte de pesquisa, busca da verdade, desejo de comunicação.

Na busca empreendida, tudo nos pareceu válido, desde que comunicasse algo. Terra, chaves, «crayon», óleo, «gouache», recortes da imprensa, ecoline, madeira, o cotidiano dilacerado e reunido, eis o material usado, o barro manipulado. Arte pela Arte. Isto, cremos, é uma forma de amor. Pois o desamor está aí, é o caos a que assistimos.

Revoltados somos. Mas da revolta não nos servimos para escandalizar. Somos todos silenciosos. Filtramos o desamor, cada obra nossa é um prolongamento de nosso próprio eu. Um voo de liberdade ou anulando o ódio inútil. Vivemos do idealismo, acreditamos nele. Queremos vivo o mundo ideal (teórico) que herdamos. Nossa luta já começou.

Não somos, e é oportuno assinalar, homens reunidos em torno de si próprios. Não somos um grupo restrito, fechado. Quem amar o amor; amar a ARTE, amar a criatura humana sem preconceito algum que nos dê a mão. Quem gostar de Literatura, Música, Teatro, Cinema, Pintura e tudo o mais que represente cultura, nosso entusiasmo estará à sua espera. Anotem: Rua Rubião de Oliveira, 85 — Capital, S. Paulo.

Rose Arni, a única (não foi Laboratório mas da atual exposição) traz consigo grande cultura, espírito jovem, mentalidade dinâmica. É poliglota, professora de idiomas. Como a ARTE não tem tempo, achamos que sua mensagem também válida. Suas obras não trazem a nossa inquietação, revelam um equilíbrio estrutural que nos comoveu. Seu quadro «Suicídio» é a forma não-violenta de retratar a própria violência. Suas telas foram pintadas em Paris, cidade-mundo centro de irradiação da cultura ocidental, célula viva da amada França que tanto admiramos.

La Falce, o mais jovem do grupo, apenas dezitois anos de vida, um dos mais apreciados pelo público visitante, trabalha com madeira, c h e g a

a resultados surpreendentes. Grande sensibilidade, bastante dramático.

Cassiano, dezenove anos, inquietação, bigode boliviano, arte surrealista, trabalhos a óleo, «gouache», «crayon». Um homem voltado para o rosto humano e seus mistérios.

Bonetti, um domínio magnífico do lápis, impressionou a todos que puderam vê-lo. Seguro, preciso, extraordinário. Arte madura, foi insistentemente assediado. Doou seus três ótimos estudos.

Minor Tomita, dono de admirável técnica, surpreendeu com os trabalhos apresentados. Sério pesquisador, encontrou meios próprios de chegar ao fim a que se propôs. Usa ecoline, é firme e sua «Mulher Nadando» deu a todos impressão de ser trabalho a óleo. Não, não é pesquisa do móço. É um grande entusiasta da Parapsicologia.

Harry Pupp, o versátil poeta, pintor, autor de peças

tânea da natureza humana e da natureza propriamente dita. «Dualidade» é o nome do desenho.

Gonçalo, um espanhol de muito talento, chegou na véspera da abertura da exposição com um único trabalho, muito expressivo: uma colagem, uma cidade ardendo em fogo e fumaça.

Roberto Bianchini, principiante ainda mas de talento promissor.

Falamos dos expositores, famos encerrar nosso comentário. E o público?

Considerando que o brasileiro vai muito pouco a exposições de artes plásticas; considerando ser esta nossa primeira exposição e serem todos desconhecidos do grande público; considerando ainda que o local é «difícil» (bairro comercial, etc), o êxito foi expressivo. Nosso livro de visitas registra duzentas assinaturas. Poetas, pintores, cantores, o mais diversificado público nos visitou. E entre os



Membros do Centro de Cultura Social e do Laboratório de Ensaio com alguns expositores, no dia da abertura.

teatrais, cantor, ator, é o criador de «Homossexual Suicida» obra apreciadíssima, vigorosa, dolorosamente realista.

Plínio Oliveira, o tímido e talentoso, usou terra, verniz, óleo. Foi muito admirado. Móço de valor.

Kopecky, presidente do Laboratório de Ensaio, autor de peças teatrais, poeta, diretor de teatro, apresentou um único trabalho que causou certa polêmica pelo inusitado da composição. Uma visão simul-

mais conhecidos, é com prazer que assinalamos a presença do Sr. Arnaldo Pedroso D'Horta, crítico de arte e jornalista do Jornal da Tarde; do diretor do Instituto de Educação Domingos Faustino Sarmiento, professor Mozart Cezar, do poeta Sidinei Basile, do ator teatral Lino Sérgio, do cantor Bobby de Carlo, muito inteligente, educado, amante de Bach. Um rapaz diferente daquela imagem que a televisão nos fornece. Um jovem muito compenetrado.

pulares; a Regina Maria do «City News»; ao Jornal Última Hora (edição de S. Paulo); a Ivo Zanini da «Folha de S. Paulo».

Nosso abraço ao «Jornal da Tarde», ao «Diário Popular», a todos enfim.

E, finalmente, nosso muito-obrigado ao Centro Democrático Espanhol que nos convidou, gentilmente, para expor em sua sede o conjunto de nossa obra.

Olney Krüise